

# Tara | Eduardo Rosal

---

Tara pelos astros:  
de binóculo na veia, ver  
do mínimo o macro;  
pelo invisível  
a olho nu:  
microscopicamente, ver  
do máximo o micro.

Tara de arqueólogo,  
de catalogador:  
movido mais  
pela próxima busca  
que pela etiqueta.

Colecionador, acumulador,  
apaixonado pela perda,  
com fome de esquecimentos.

Tara por montanhas  
com vacas,  
pela sequência de postes  
na rua de casa  
— todas as ruas do mundo —.

Tara pelo gelo derretendo,  
pelas placas de bem-vindo,  
pela água ventando na poça.

Tara pelo multiverso,  
pelos eus-sósias

nas encruzilhadas da eternidade.

Tara pelas equações  
com uvas e pontes,  
pelas moléculas dos pães  
e das vaginas.

Tara pela imaginação  
dos futuros mais concretos.

Tara pelo plástico bolha  
e por Dante Alighieri;  
pelos Cânticos dos cânticos  
por vir;  
pelos dentes do pneu  
na lama.

Tara por outras pegadas  
da curiosidade;  
pela coragem dos ócios,  
dos pesos das escolhas e acasos  
e o ópio longo das revoluções.

Tara, é claro,  
pela mão dupla  
dos corpos  
e pelo perfume único  
de cada casa.

Tara pelo ódio ao ódio,  
por sofrer com isso  
e, por isso, nos salvar.

Tara por sofrer as horas

e por ser vários.

Tara, tara, tara pela dúvida  
e pela confiança;  
pelos silêncios e pelas  
invisíveis belezas.

Tara pela bicicleta da solidão;  
pela cachaça com mel e limão;  
pela jogada  
mais que pelo gol;  
pelo dodecafonismo  
e pelo pagode;  
por Wagner  
e pelo telegrama enviado  
por Murilo Mendes  
achincalhando Hitler,  
em nome de Mozart e Salzburg.

Tara pelo arroz com feijão,  
pelos formatos dos troncos das árvores,  
pelo bico do seio da mãe  
e por Freud, por Sófocles,  
por Jung;  
pelo velotrol e pela morte;  
pelo jogo com a loucura.

Tara, muita tara,  
pelo sorvete de flocos.

Tara por resumir o resumo  
do irresumível  
diante os espelhos de Escher,  
da esperança e da memória.

Tara pelo infinito.

Tara.

Tara pelo sorriso míope das crianças;  
pela inspiração e pelo suor.

Tara pelas insuficiências comoventes;  
pelo anseio de mais farofa  
e pelo própolis.

Tara pela febre  
e pela calma;  
pelo que surge e escapa;  
pela coceira da friteira  
e da verme.

Tara pelo haikai.  
Sim, pelo haikai  
e suas bem escondidas  
remendas;  
pelo haikai, por Proust  
e por Roland Barthes.

Tara por Whitman e Pound,  
por Herberto Helder, Piva,  
Poe e Cabral.

Tara pela Cleo Pires e pelo Cartola.

Tara por todas as formas  
de criar/recriar  
imagens.

Nenhuma tara  
pelo que é de César,  
é óbvio;  
pelo que não é compartilhável;  
pela norte-americanização dos sonhos.

Nenhuma tara  
pelas armas, pelas intolerâncias.

Nenhuma tara  
pelo colar de bigornas  
da certeza.

Nenhuma tara  
pelos nacionalismos de umbigo  
e pelo monolinguísmo das ideias.

Nenhuma tara pela autoridade.

Nenhuma tara por quem separa  
ciência e arte;  
por quem ruma o medo.

Nenhuma tara,  
absolutamente nenhuma tara,  
pelos sommeliers de preconceito.

*(3º colocado no Prêmio Barueri de Literatura 2019)*